

# ARTIGOS

## RUTE E BOÁS: O AMOR DESTRONA O SECTARISMO\*

JOEL ANTÔNIO FERREIRA\*\*

*Resumo: a história de Rute e Boás se deu na época dos Juizes. Porém, do modo como está na Bíblia, foi recontada e atualizada no tempo de Esdras (séc. V aC). A força do texto centra-se em torno de uma mulher que deveria expressar uma série de fragilidades e de um homem que tinha tanto amor a dar, que simbolizou, depois, o futuro Messias, visto na ótica dos pobres. A reatualização da história é uma crítica dura ao sectarismo do recém-fundado judaísmo que excluía as mulheres e os estrangeiros.*

Palavras-chave: *Rute. Boás. Noemi. Esdras. Judaísmo.*

O relato do livrinho de Rute se tornou tão importante na memória hebraica, que, de estrangeira, mulher, pobre e viúva (quatro predicados desfavoráveis a ela), recebeu todo um livro bíblico com o seu nome, exatamente, por causa de sua resistência como mulher, como pessoa de fé e como solidária a Noemi, protótipo das excluídas de Israel.

Este livrinho (quatro capítulos) aborda a história de três viúvas pobres, Noemi, Órfa e Rute, sendo que estas duas últimas eram estrangeiras (LAFHEY, 2007, p. 1090). O texto é elaborado como se tratasse do tempo dos Juizes (após Moisés até Samuel). Porém, é um artifício que os autores ou autoras usaram para retratar o tempo em que estava vivendo. Esta época era, provavelmente, o tempo de Esdras (458 a.C.) ao de Neemias (445 a.C.), quase um século depois do cativo da Babilônia (CAVALLETTI, 1983, p. 10).

Alguns judeus voltaram do exílio com o intuito de recuperar a nação judaica. Já tinham vindo antes Josué (não é aquele do tempo de Moisés) e Zorobabel. Agora vieram Esdras e Neemias. A situação era complicada, os conflitos eram fortes, a terra estava ocupada

\* Recebido em: 02.06.2014 Aprovado em: 17.06.2014.

\*\* Doutor e Pós-Doutor. Professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

por estrangeiros e as condições sociais eram tensas: fome (Rt 1,1; Ne 1,3; 5,2), migração (Rt 1,1), falta de terra (Ne 5,5), morte (Rt 1,3.5), desunião, desagregação familiar e comunitária, enfim, uma pobreza bastante acentuada (LAFFEY, 2007, p. 1090).

## FUNDAÇÃO DO JUDAÍSMO, NA PERSPECTIVA DOS HOMENS DO PODER

Esses ilustres judeus fizeram ou executaram alguns projetos para a recuperação do povo israelita. Tentaram resolver, a seu modo, os conflitos (MESTERS, 1985, p. 23-4).

- 1) O projeto de Zorobabel e Josué (Esd 3,1-13) com o apoio de Ageu e Zacarias: achavam que reconstruindo o altar e o templo de Jerusalém movimentariam e reuniriam o povo e reorganizariam os trabalhadores, os levitas e os sacerdotes.
- 2) O projeto de Esdras (Esd 9,1-10,44; Ne 8,1-18): ele estava a serviço do rei da Pérsia. Porém, para os judeus, o seu projeto foi marcante. Era da linhagem sacerdotal e um super especialista em leis. Ele via que o sofrimento do povo era proveniente de um castigo de Deus. Então, tomou atitudes seríssimas: a) nada de casamento com mulheres estrangeiras. As mulheres estrangeiras deveriam ser expulsas e também os filhos que delas nascessem (Esd 10). b) Os costumes pagãos não podem entrar dentro da convivência dos judeus. c) Observância total à Lei de Deus. d) A pureza da raça israelita deve ser preservada (Esd 9,2). Esdras nacionaliza a fé. Deus está a serviço da raça judaica. O seu projeto vai perpetuar na história israelita.
- 3) O projeto de Neemias (Ne 5,1-19): diferentemente de Esdras, o governador Neemias era sensível às assimetrias sociais e econômicas. Em Neemias 5, há um retrato de como ele via os ricos explorando os pobres. Ficou revoltado. O seu projeto é diferente e melhor que o de Esdras: a) Exigiu que os ricos devolvessem aos pobres as terras roubadas e perdoassem as dívidas acumuladas (Ne 5,7-13). Ele deu o exemplo. b) Procurou reconstituir as famílias e os clãs (Ne 7). c) Reconstruiu as muralhas de Jerusalém (Ne 2,11-3,38). d) Criou os anos jubilares, atualizando a visão do Levítico e Deuteronômio: de cada 50 anos deveriam ser desfeitas todas as compras e vendas de terras. O problema do projeto de Neemias é que ele jogou as leis para os ricos e nós sabemos que os poderosos não agem por lei, principalmente, quando é para haver transformação a serviço dos pobres. Então, o seu projeto, com o tempo, ficou só no registro.

## A PERSPECTIVA DOS POBRES: BUSCA DO SISTEMA TRIBAL DO “RESGATE” E DO “LEVIRATO”

O projeto dos pobres: livreto de Rute (LOPES, 2005/3, todo artigo).

Ao contrário dos projetos de Zorobabel, Esdras e Neemias, este não é um projeto pronto. Ia se construindo, na medida que a luta era mais desafiadora.

Este texto fala que, neste tempo de fome, um homem chamado Elimeleque emigrou para Moab com a mulher Noemi e os filhos Maalon e Quelion em busca de trabalho. Os filhos se casaram com Órfa e Rute. Como o povo era desnutrido morreram, por lá, o marido e os filhos. Sobraram as três viúvas. Parece que as mulheres eram menos melindrosas.

Noemi decide voltar de Moab com as duas noras. Após muita insistência, uma das noras, Órfa, fica em Moab, porém a outra, Rute, não aceita abandonar a sogra: ficará com ela até a morte. Retornam a Belém (casa do pão) de Judá. Quem reconhece Noemi? As mulheres. Após tantas desgraças, Noemi diz que agora se chama Mara (amargurada, cheia de dores).

Nos campos de Belém estava começando a colheita de cevada (tempo de fartura). Aqui entra em ação, Rute, a mulher determinada e cheia de fibra. Para salvar a sogra e a si também, decide ir à lavoura, caminhando atrás, para catar os restolhos das espigas que sobravam ou caíam dos jacás dos catadores. A lei permitia aos pobres, estrangeiros, viúvas e órfãos esse procedimento (Lv 19,9-10; Dt 24,19). Rute tinha o triplo direito de catar, pois era pobre, estrangeira e viúva.

#### Imagem do Futuro Messias: Boás

Por acaso, ela foi parar na lavoura de Boás (Rt 2,3), um dos dois parentes de família de Elimeleque, o finado esposo de Noemi. Boás, no livro de Rute, lembra as pessoas de bem lembradas na Bíblia. Ele é como um juiz esperado. Lembra a ação de Javé, o Deus do povo. Através de Boás, Deus vai salvar os pobres. Vai dar pão, garantir a posse da terra, vai gerar um filho. Ele lembra os juizes Gedeão e Jefté, porque é definido como homem forte e de grande valor (MESTERS, 1985, p. 49).

Ao chegar de Belém, Boás conhece a moabita Rute e se admira com sua tenacidade e fidelidade à sogra Noemi. Ele a agrega às outras trabalhadoras, dá-lhe condição de trabalho e até a chama para comer do pão com ele e os trabalhadores (Rt 2,4-14). Aí vem a primeira crítica ao projeto de Esdras que discriminava os estrangeiros e as mulheres. Ela pergunta a Boás: *“Por que o senhor é tão bom comigo que sou mulher estrangeira?”* Ele responde numa bela paródia a Abraão: *“...você deixou pai e mãe. Deixou a terra onde nasceu. Veio para um povo que você nem conhecia. Deus lhe pague em dobro tudo o que você fez! Receba uma farta recompensa das mãos do Senhor, Deus de Israel, pois foi debaixo das asas dele que você veio buscar amparo...”* (Rt 2,11-12).

Quando, à noite, retornou do trabalho, na felicidade de Noemi, esta relata que Boás é um parente que tem “direito de resgate” sobre elas. A boa esperteza acontece agora, por parte de Noemi: articula um plano para aproximar, na intimidade, Rute do parente Boás: *“tome seu banho, passe um perfume, ponha o melhor vestido e vá até o terreiro... Quando ele for dormir, repare o lugar onde se deita. Chegue perto, levante o cobertor dos pés e deite-se...”* (Rt 3,3-4b).

Acordando assustado, no meio da noite, ela responde à sua indagação: *“sou Rute, sua serva. Estenda, pois, seu manto sobre mim, porque o senhor tem ‘direito de resgate’*” (Rt 3,9c).

Com esta expressão, “direito de resgate”, o projeto dos pobres do livro de Rute começa a mostrar seu rosto.

É o oposto ao projeto de Esdras. Ele propõe a recuperação do sistema tribal do “resgate” e do “levirato”. O projeto dos pobres é uma crítica ao de Zorobabel e Josué, porque não prevê templo, altar, Jerusalém, sacerdotes, sacrifícios. É uma crítica a Esdras, porque, ao contemplar Rute, a Moabita, está colocando as estrangeiras como parte do povo de Abraão. Rute, a estrangeira, no texto, pode ser mãe do povo de Deus. É uma crítica ao projeto de Neemias, porque o seu plano veio do palácio e não escutou os pobres. O projeto dos pobres é viabilizado na luta de duas mulheres, símbolos dos resistentes. Quando os pobres ou as pobres se organizam é possível um mundo diferente do protagonizado por Esdras. Elas são viúvas pobres. Elas entendem que Deus não castigou, como pensava Esdras, mas, que a causa da pirâmide social e econômica estava, exatamente, na postura e controle dos poderosos, fossem persas ou judeus. Portanto, a esperança baseada em Gedeão, Jefté, Débora, Sansão é sinalizada nas ações de Noemi e Rute, que são semente de nova nação. A salvação, dada por Deus,

vem dos pobres. A presença de Boás é importante, porque mostra que é possível, contra os planos sectaristas e segregacionistas de Esdras, o encontro total e completo da mulher (Rute) com o homem (Boás).

O que podem propor os pobres, simbolizados nas mulheres sem marido e sem filhos? Elas não têm futuro, nem herdeiro, nem herança.

É aqui que vamos percebendo como o livro de Rute é uma denúncia contra o projeto segregacionista de Esdras. Noemi tem a sabedoria dos pobres. Não quer Deus só para si e sua raça. Ela acolhe a estrangeira como parte sua. É uma bofetada em Esdras e seu grupo. A situação de Noemi é a do povo explorado pelos grandes de Jerusalém e do Templo que vão articulando, fortemente, a ideologia da raça e da observância da lei. Rute (estrangeira), ao decidir-se por Noemi (israelita) faz a entrada no povo de Deus, do jeito que os pobres entendem. Rute, ao contrário do plano de Esdras, é filha de Abraão (Gn 12,1), porque escolheu ficar com Noemi. Como diz Mesters, ela buscou amparo nas asas de Javé (MESTERS, 1985, p. 55). Por que? Porque ela se compromete com pessoa e seu bem-estar. Ao deixar tudo, Rute se inclina por Noemi, colocando sua vida em torno do serviço e da renúncia. Ela vai entendendo, gradativamente, que estão reconstruindo comunidade, na base do amor. Amor não era um conceito muito querido pelo grupo de Esdras. Então, se Noemi lembra o povo abandonado, Rute é a história das mulheres estrangeiras expulsas por Esdras.

## Lei do Resgate e do Levirato Juntas

### *Resgate*

Na conversa entre Boás e Rute, na intimidade, a palavra “resgate” foi pronunciada por sete vezes (Rt 3,9-13). O que é o resgate? No livro do Levítico (Lv 25,23-25) houve uma interessante reflexão sobre a pobreza.

- a) Se o pobre ia vender sua terrinha, o parente mais próximo era obrigado a resgatar a terra, ou seja, comprá-la de volta, não para ele mesmo, mas, para o parente pobre que a estava perdendo. Era um modo de preservar a família e evitar assimetrias, isto é, um irmão se distanciar social e economicamente do irmão.
- b) Também o livro do Levítico (Lv 25,47-49) cuidou de uma outra questão intrafamiliar: se o pobre era obrigado a se vender (devia muito), o parente mais próximo era obrigado a resgatá-lo, ou seja, pagar para que o irmão mais pobre pudesse reaver a liberdade. Este que resgata é o *Goel* (aquele que resgata, no aperto). Também aqui a idéia era de que a família, base da organização social, deveria ser defendida e fortalecida, contra as ambições dos poderosos. Essas duas leis evitavam o acúmulo de terras ou a exploração dos irmãos.

Até aqui, parece, o livro de Rute, não tem novidades, porque o Levítico já previa a presença do *Goel* (resgatador) para evitar as contradições dentro dos clãs e das famílias. Não é bem assim. Na prática, isto não estava acontecendo. Mesters (1985, p. 70) diz que a lei do resgate era usada para dar cobertura legal ao roubo. O outro parente aceitava resgatar a terra sem se comprometer com a família mais pobre. No caso, o outro parente (4,4) não estava interessado em Noemi, mas em si próprio.

É, por isso, que Rute vai atrás de uma outra lei que estava no esquecimento: a “lei do levirato” ou lei do cunhado. Ela é importante para se entender a lei do resgate.

Esta lei dizia que se um homem morre sem deixar filhos, o irmão deve assumir e procriar com a cunhada (Dt 25,5-10). Quando o filho nascer, receberá o nome do falecido e os seus direitos. Portanto, o pai biológico, neste caso, não é o pai verdadeiro, mas o morto. Assim, se perpetuará a família. Na lei do “resgate” se salvava a grande família, ou o clã (comunidade). Na lei do “levirato” se protege a “pequena família”.

Então, também aqui não tem novidade? É o que sugere à primeira vista.

A situação de Noemi era gravíssima. Elimeleque, seu marido, morrera. Seu filho Maalon, esposo de Rute, também falecera, sem deixar filhos. O outro irmão que poderia aplicar a lei, também morrera (situação calamitosa no tempo de Esdras: os pequenos morriam antes do tempo). A lei não poderia ser aplicada. Os pequenos não tinham o amparo da lei. Noemi simboliza os pequenos que eram obrigados a vender suas terras e seus filhos (Ne 5,1-5). As leis estavam desatualizadas. Como não podiam esperar nada dos grandes, os pequenos elaboram suas próprias leis.

O salto que o livro de Rute dá é algo novo é uma resposta ao projeto de Esdras. O texto vai unir a “lei do resgate” com a “lei do levirato”, a partir da experiência profunda de fidelidade de Rute a Noemi. Ela é definida por Boás como “mulher de grande valor” (Rt 3,11), expressão aplicada aos juízes. Ela é como Débora, a juíza do tempo tribal. Isso é novo, é transformador, porque partiu dos que não entendem de lei, os pobres. Surge dos espertos que vivem para sobreviver, mas que podem ter suas ferramentas de luta. Os pobres, representados por Noemi e Rute, criam a lei do “resgate/levirato”. Boás compreende o encontro das duas leis, porque percebeu a riqueza de Rute, identificada com Noemi. Boás não quer saber se Rute é estrangeira. Ele se entende *goel* de Rute. O salto é este: A “lei do levirato” (cunhado) deverá ser ampliada. Não só o irmão, mas qualquer parente da “grande família” é obrigado a observá-la. Então, o quadro dos defensores do pobres vai se expandindo. Se a lei anterior contemplava somente a “pequena família” agora irá estar na defesa da “grande família”, isto é, o clã, a comunidade. De familiar, a lei toma uma perspectiva social mais ampla. A preocupação se expande para a sociedade. Quando os pobres se identificam na luta, suas leis se tornam vivas.

Como se dá o processo?

Vimos antes que, no diálogo de Boás com Rute, esta lhe proclamou que estava sob o direito de resgate dele (Rt 3,9-13). Ele assumiu a nova concepção legal, vinda das marginalizadas. Porém, havia um outro parente que teria o direito do resgate (Rt 3,12). Este parente vai ficar na mentalidade de Esdras e só aceitaria resgatar a terrinha de Noemi.

## BOÁS E RUTE: UM NEGÓCIO DE AMOR

Na porta da cidade, diante de dez testemunhas, se dá o processo (Rt 4,1-12). Porém, quando o outro parente foi questionado que deveria assumir a estrangeira Rute (levirato), mulher do falecido, ele recusou para “não prejudicar sua própria herança” (Rt 4,6). Não entendia como “posse da terra” e “situação familiar” deveriam estar ligadas. O outro parente,

na ótica do egoísmo e do mundo legalista esdrasiano, recusa assumir o novo. Não entendeu que Rute era uma estrangeira acolhida por Noemi (Rt 1,18). Não teve a compreensão popular de vê-la como filha de Abraão e membro do povo (Rt 2,11). Não enxergou o que o povo via: uma mulher de grande valor (Rt 3,11), como os juizes tribais e o próprio Boás (Rt 2,1). Era incapaz de atingir o alcance das dez testemunhas aclamando que Rute “*seja como Raquel e como Lia, que formaram a casa de Israel*” (Rt 4,11). Quem entenderia? Ela é aclamada como a nova mãe das doze tribos. Como? Uma estrangeira? Uma pobre? Uma viúva? Uma sem-filhos? O outro parente não entende, por estar no universo dos poderosos, a linguagem dos excluídos. Então, ele passa a “sandália a Boás”, sinal de que o negócio estava fechado entre Boás e Rute (Rt 4,7-8): um negócio de amor.

O outro parente era “a cara” de Esdras e não podia, também, alcançar a grandeza dos que se abrem aos pequeninos, como Boás. Ele deve ter ficado surpreso de ver o povo aclamando Boás “*que se torne poderoso em Éfrata e nome em Belém*” (Mq 5,1). Engraçado! Boás após ter feito tudo, fica sem nada. Sem a terra que comprou, sem o filho que gerou (Rt 4,13), sem o nome que perpetuou, sem o direito de resgate que conquistou, sem lucro nem vantagem (MESTERS, 1985, p. 50). Ele imita Deus, portanto, “serve”. Não é, por acaso, que o filho seu e de Rute receberá, da parte das vizinhas (=comunidade), o nome de *Obede* (= servo, o que esta servindo). O outro parente não podia entender nada. Ele devia estar perplexo vendo Boás mudando, na prática, as leis, ao unir os direitos do “resgate” e do “levirato”, superando o Levítico e o Deuteronômio. Ele não percebeu a novidade do encontro destas duas leis que salvavam a posse da terra e a situação familiar, portanto, a partir de agora, deviam estar juntas, porque se separá-las não se resolveriam os problemas vitais do povo.

Será que Boás ficou sem nada? As dez testemunhas proclamaram: “*E você, Boás, seja poderoso em Éfrata e tenha nome em Belém. Pelos filhos que Deus lhe der com esta jovem, sua família seja tão abençoada como a de Farés, que Tamar deu à luz para Judá*” (Rt 4,12). Por que isso? Porque Boás falou ao coração de Rute (Rt 2,13-14) e pedira a Deus que desse a ela uma farta recompensa (Rt 2,12). Ele se tornará a “imagem do futuro Messias”, na visão dos pobres. O Messias surgirá do amor entre Boás e Rute e do povo que aí nascer.

A história do novo Israel, na perspectiva dos pobres, toma um novo rumo.

#### PARA TERMINAR: COMO MATEUS VIU RUTE?

Parece que Mateus entendeu que as autoras ou autores desse texto também esperavam o Messias, mas com sua ótica. Em vez dos reis opressores e exploradores (Mt 1,6-11), no lugar de figuras ilustres (Mt 1,12-15), o novo Davi será descendente de Obede, portanto, será um Messias que serve (FERREIRA, 2011, p. 194).

O novo Davi será descendente não só de homem, mas também de mulher: um desafio (ou um desrespeito) à jurisprudência judaica. Está a nossa comunidade mateana “jogando pesado” contra os tempos e os projetos de Esdras que chegaram até Jesus? Não serão os da linha de Esdras, as pessoas da lei discricionária, quem se oporão e até matarão Jesus?

Rute vem do mundo estrangeiro. Ela era viúva e viveu, fortemente, a experiência dos pobres. Mateus deve ter olhado com muito carinho a história de Boás no livro de Rute, deve ter se empolgado com sua abertura para com a mulher estrangeira e, possivelmente, deve ter se impressionado com a determinação pela vida desta mulher e a fidelidade a quem não tinha teto, ficara sem família e não tinha pão para se alimentar (SLOYAN, 1970, p.

28). Deve ter pensado: como vou homenagear Noemi e os resistentes? (FERREIRA, 2011, p. 194). Não teve dúvida: “*Boás gerou Obede, de Rute*” (Mt 5,b). Não tem nada da mentalidade de Jerusalém, do Templo e seu culto, da idéia de Zorobabel (que também entra na genealogia: Mt1,12c).

Muito menos, da lei da “pureza” da raça de Esdras. Se Esdras havia expulsado as mulheres estrangeiras com seus filhos (Esd 10,30; Rt 1,1), Mateus entendeu que os pobres (Noemi) as traziam de volta. Assim como Esdras, Herodes (Mt 2,13-15) também não faz os pobres fugirem para o estrangeiro (Egito)?

Não é, por acaso, que o Evangelho de Mateus terá uma carga interessante de abertura aos estrangeiros, do início ao fim. Além da genealogia (Mt 1,1-17), logo, após o nascimento do menino, a comunidade mateana “brinda” o mundo “das nações”, com o relato universal do Evangelho: a vinda dos magos do Oriente a Belém (Mt 2,1-12). Se a comunidade mateana era formada, fortemente por judeus convertidos e escreve para outros judeus, é muito importante perceber, como os redatores finais não têm nada do “espírito de Esdras” que estava forte em alguns partidos do tempo de Jesus. É muita abertura para as nações (FERREIRA, 2011, p. 195).

O Jesus de Mateus lembra muito um outro homem de Belém, o Boás do livro de Rute. Vejamos: uma perícópe importante é a do centurião romano que, segundo Jesus, tinha “mais fé” do que os seus conterrâneos israelitas (Mt 8,5-13) e ali, Jesus, numa compreensão genial, afirmou que “virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus, com Abraão, Isaac e Jacó...” (Mt 8,11). Portanto, ele abre a porta da salvação a todas as nações. Em Mt 12,18, a comunidade mateana atualiza uma perícópe de Isaías (Is 42,1-4) na pessoa de Jesus que “anuncia o Direito às nações ... e no seu nome as nações porão sua esperança”. Já na alegoria de Mt 21,33-46, anunciando a vinha e a história da aliança, é dito que o Senhor partiu para o estrangeiro. Na alegoria das bodas em Mt 22,1-14, todos são convidados, porém, os convocados das encruzilhadas são os pecadores e os pagãos, sendo que, ao final, mostra a força da “justiça” ligada à fé. O grande julgamento (Mt25,31-46) é para todas as nações (v.32). E, no final do Evangelho (Mt 28,16-20), mostra a missão universal, ou seja, para todas as nações (Mt 28,19). Possivelmente, o grupo ligado à mentalidade de Esdras não gostaria de escutar estes anúncios, para além do universo israelita.

Se Esdras “bateu firme” na observância da lei, Mateus compreenderá a força do livro de Rute com uma outra lei: a do “resgate” e do “levirato” (as duas leis se tornam uma só). Assim, propõe a mentalidade de que se devem salvar a posse da “terra” aos pobres bem como a “família” no sentido mais amplo, para que também os pobres tenham pão. A Lei compreendida pela comunidade mateana é baseada, sempre, na “justiça”. Os cinco Sermões de Mateus, especialmente o primeiro (Sermão da Montanha: Mt 5-7) é um tratado vivo do que é a nova “Justiça” (FERREIRA, 1978, p. 9-31). O Sermão do Montanha é Evangelho. Os discípulos de Jesus conseguirão vivê-lo, ultrapassando a “falsa justiça” dos doutores da lei e fariseus, porque os seguidores de Jesus, nesta mentalidade da nova justiça, têm os corações pobres e livres. A nova justiça é uma raiz contra toda auto-suficiência.

Outro detalhe importante no Evangelho de Mateus é que parece que ele, ao fazer a redação final, tinha o livreto de Rute de lado. Dá-nos a impressão, que ele via Noemi e seu marido, os dois filhos (portanto, os três com morte prematura) e, também, Rute. A persistência dessa comunidade deve ter levado Mateus a compreender melhor Jesus e sua opção pelos pobres. Todo o livro mateano tem esta clareza. Num momento (Mt 11,25-27), há a exaltação dos pequeninos. Os pequenos do tempo de Esdras e sua resistência lembravam, provavelmen-

te, os pequenos do tempo de Jesus massacrados pelo Império Romano e a força de Jerusalém e do Templo (FERREIRA, 2011, p. 196). O Pai se revelou, não aos sábios e doutores, porém, aos pequeninos. Assim foi do agrado do Pai.

#### RUTH AND BOOS: LOVE DETHRONES SECTARIANISM

*Abstract: the story of Ruth and Boaz took place at the time of the Judges. How in the Bible, however, has been retold and updated in the time of Ezra (V century BC). The strength of the text is centered around a woman who should express a number of weaknesses and of a man who had so much love to give, which symbolized, after, the coming Messiah, seen from the viewpoint of the poor. The actualization of the story is a harsh critique to sectarianism of Judaism newly founded that excluded women and foreigners.*

*Keywords: Ruth. Boaz. Naomi. Ezra. Judaism.*

#### Referências

- CAVALLETTI, Sofia. *Ruth – Esther*. 3.ed. Roma: Edizioni Paoline, 1983.
- FERREIRA, Joel Antonio. *Os Cinco Sermões de Mateus*. Goiânia: Helga, 1978.
- FERREIRA, Joel Antonio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.
- LAFFEY, Alice L. *Rute*. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Novo Comentário Bíblico S. Jerônimo Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007.
- LOPES, Mercedes. O livro de Rute. *Revista de interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, nº 52, 2005.
- MESTERS, C. *Rute. Uma história da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- SLOYAN, Gerard. *Rut y Tobias*. Santander: Aldus Velarde, 1970.